

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA E DA FAMÍLIA NA INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

LA IMPORTANCIA DE LA ESCUELA Y LA FAMILIA EN LA INCLUSIÓN DE NIÑOS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Soraima Luzia de Assis¹
Divoene Pereira Cruz Silva²

RESUMO

O artigo ora apresentado intitulado “A importância da escola e da família na inclusão da criança com transtorno do espectro autista (TEA)”, aborda a temática da Educação Inclusiva como um lugar de compartilhamento de reflexões e diálogos no campo da educação escolar. A educação inclusiva se constitui como um profícuo campo educacional, de luta, desafios e perspectivas, no entanto reconhecemos a necessidade de ampliação de estudos e pesquisas que possam colaborar com os processos inclusivos no âmbito da família e da escola. Elencamos como interlocução teórica, Freire (1980), Paiva (2003), Moro (2010), Varella (2014), Santos (1999). No percurso metodológico nos amparamos nos estudos de Pinheiro (2007) e Ibiapina (2007). As nossas hipóteses ou pressupostos nos apontam que por se tratar de uma síndrome que afeta principalmente a interação social, dificultando iniciar ou manter uma conversa, o autista é considerado muitas vezes pela sociedade como um ser incapaz de se relacionar ou conviver em sociedade. A pesquisa aconteceu em três espaços distintos: a escola, a família e a Associação de Mães e Amigos dos Autistas do Vale do Assu – AMAAVA. O objetivo geral, ou mais amplo, que se constitui em compreender a importância da relação escola e família no que diz respeito à inclusão da criança com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos mais diversos espaços sociais. A pesquisa nos fez entender como é complexa a relação que as crianças com TEA estabelecem com a escola e com o professor. Esta complexidade requer o estabelecimento de laços de afetividade e de respeito entre estas crianças e seus professores. No entanto percebemos igualmente como a parceria estabelecida entre a escola e a família são benéficas para o desenvolvimento das crianças autistas. Em suma, este trabalho nos instigou a prosseguir em outras atividades investigativas na temática da Educação Inclusiva. Intencionamos construir outros trabalhos que possam colaborar com as famílias e com a escola no processo de ensino e aprendizagem e a na inserção social das crianças que vivenciam o Transtorno do Espectro Autista.

Palavras-chave: Escola. Família. Educação Inclusiva. Crianças. TEA.

RESUMEN

El artículo que aquí se presenta, titulado “La importancia de la escuela y la familia en la inclusión de los niños con trastorno del espectro autista (TEA)”, aborda el tema de la Educación Inclusiva como espacio para compartir reflexiones y diálogos en el campo de la educación escolar. La educación inclusiva constituye un campo educativo fecundo, de lucha, desafíos y perspectivas, sin embargo reconocemos la necesidad de ampliar estudios e investigaciones que puedan colaborar con procesos inclusivos en el seno de la familia y la escuela. Enumeramos como interlocución teórica, Freire (1980), Paiva (2003), Moro (2010), Varella (2014), Santos (1999). En el curso metodológico, nos apoyamos en estudios de Pinheiro (2007) e Ibiapina (2007). Nuestras hipótesis o suposiciones apuntan a que por tratarse de un síndrome que afecta principalmente a la interacción social, dificultando el inicio o mantenimiento de una conversación, el autista suele ser considerado por la sociedad como un ser incapaz de relacionarse o vivir en sociedad. La investigación se llevó a cabo en tres espacios diferentes: la escuela, la familia y la Asociación de Madres y Amigos de Autistas de Vale do Assu - AMAAVA. El objetivo general, o más

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Campus Angicos) – E-mail: soraima.assis@alunos.ufersa.edu.br

² Professora Orientadora. Doutora em Educação. Docente na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Campus Angicos) – E-mail: divoene.pereira@ufersa.edu.br

amplio, que es comprender la importancia de la relación escuela y familia en lo que se refiere a la inclusión de los niños con Trastorno del Espectro Autista (TEA) en los más diversos espacios sociales. La investigación nos hizo comprender cuán compleja es la relación que los niños con TEA establecen con la escuela y con el docente. Esta complejidad exige el establecimiento de lazos de afecto y respeto entre estos niños y sus docentes. Sin embargo, también entendemos cómo la asociación establecida entre la escuela y la familia es beneficiosa para el desarrollo de los niños autistas. En definitiva, este trabajo nos animó a continuar con otras actividades investigativas sobre el tema de la Educación Inclusiva. Pretendemos construir otras obras que puedan colaborar con las familias y con la escuela en el proceso de enseñanza y aprendizaje y en la inserción social de los niños que padecen Trastorno del Espectro Autista.

Palabras clave: Escuela. Familia. Educación inclusiva. Niños. TEA.

1 INTRODUÇÃO

O artigo ora apresentado intitulado “A importância da escola e da família na inclusão da criança com transtorno do espectro autista (TEA)”, aborda a temática da Educação Inclusiva como um lugar de compartilhamento de reflexões e diálogos no campo da educação escolar. A opção por desenvolver uma pesquisa nessa área se dar por nosso interesse pela temática, bem como pelo reconhecimento da necessidade de ampliarmos as discussões no tocante ao espectro autista como campo investigativo da Educação Inclusiva.

A educação inclusiva se constitui como um profícuo campo educacional, de luta, desafios e perspectivas, no entanto reconhecemos a necessidade de ampliação de estudos e pesquisas que possam colaborar com os processos inclusivos no âmbito da família e da escola. Neste sentido, a nossa disposição em adentrar neste universo investigativo decorre principalmente por nossa sensibilização pelas famílias que vivenciam e que em grande parte não dispõem de apoio e suporte necessários para o atendimento das necessidades educacionais específicas de seus filhos ou parentes.

Essas famílias necessitam de espaços de voz e vez para que possam oferecer as suas crianças e adolescentes condições dignas de convivência social, principalmente no ambiente escolar. Esses espaços devem ser essencialmente reflexivos e dialógicos para que possam oportunizar avanços nas questões importantes da temática referida. Compreender e conviver com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) enquanto especificidade da educação inclusiva tem sido um grande desafio para as famílias, os professores, bem como para os demais profissionais que compõem as equipes multidisciplinares nas escolas.

O nosso interesse pela temática e por desenvolver a pesquisa se deu pelo desejo de investigar a relevância da parceria entre a escola e a família, quando se trata da inclusão da criança com TEA. Em nosso caso, este interesse foi motivado e ampliou-se a partir das

experiências vivenciadas em nossa vida pessoal, com familiares e amigos que têm filhos ou parentes autistas. Sabemos da necessidade de uma educação que verdadeiramente inclua as pessoas com necessidades educacionais especiais e que permita que as crianças, os adolescentes, jovens e adultos com autismo convivam harmoniosamente nos mais diversos espaços sociais antes demarcados como espaços de exclusão em virtude das limitações cognitivas que estes supostamente possuem. Optamos por desenvolver a pesquisa em uma instituição escolar privada para que compreendêssemos como se dar o processo de ensino e aprendizagem de crianças nessas instituições. Sabemos que existem muitas controvérsias, debates e questionamentos quando se trata da oferta da Educação Inclusiva nos mais diversos espaços, mesmo se tratando de um espaço considerado privilegiado de recursos, as famílias e membros da instituição podem enfrentar dificuldades quando se trata de inclusão de pessoas com TEA, e compreender essas dificuldades e corrigi-las, a escola precisa estar preparada com profissionais capacitados para que a inclusão e o desenvolvimento dos alunos sejam tratados de forma que não os deixem as margens da sociedade.

Ressaltamos a nossa preocupação com a nossa formação no âmbito da Pedagogia que requer um conhecimento aprofundado da educação inclusiva para que possamos ampliar as reflexões e os diálogos no tocante as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas. Desta maneira estaremos contribuindo com a pesquisa científica no âmbito da educação escolar articulada aos processos inclusivos. Outros dois aspectos foram decisivos nesta pesquisa: o primeiro, no decorrer do curso a vivência em uma disciplina relativa à educação inclusiva; o segundo, como já foi citado anteriormente, a convivência familiar e diálogos com amigos que são pais de crianças com TEA, os quais com os seus relatos nos mostravam os desafios a serem superados no Autismo. Esses relatos apontavam para importância da parceria entre profissionais qualificados e família para a superação dos desafios vividos por seus filhos no desenvolvimento de atividades comuns na escola e meio familiar. A combinação de um diálogo de profissionais com conhecimento pedagógico aprofundado e a família, não é só importante para a criança e adolescente com TEA, mas para a compreensão das famílias sobre a realidade dessas pessoas.

As indagações que fizemos no aprofundamento desta temática nortearam a construção do objetivo geral, ou mais amplo, que se constitui em compreender a importância da relação escola e família no que diz respeito à inclusão da criança com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos mais diversos espaços sociais. Em decorrência do objetivo geral construímos os objetivos específicos os quais estão assim definidos:

- a) Investigar como se dar a relação da criança com TEA com a escola e com o professor;

- b) Dialogar com o professor e com a mãe de uma criança com TEA a respeito dos desafios encontrados em suas práticas pedagógicas inclusivas;
- c) Entender a rotina escolar e familiar de uma criança com TEA;
- d) Refletir acerca do acompanhamento e participação dos pais no desenvolvimento das atividades escolares;
- e) Identificar na prática do professor metodologias inclusivas desenvolvidas em suas práticas cotidianas;
- f) Entender quais as implicações da parceria construída entre os pais da criança com TEA e o professor e se esta colabora ou não para a inclusão da criança com TEA na escola.

As nossas hipóteses ou pressupostos nos apontam que por se tratar de uma síndrome que afeta principalmente a interação social, dificultando iniciar ou manter uma conversa, o autista é considerado muitas vezes pela sociedade como um ser incapaz de se relacionar ou conviver em sociedade. O que compromete o desenvolvimento da comunicação como parte da interação social. Ousamos afirmar que há ausência de um diálogo próximo entre os pais/responsáveis e a escola com relação a rotina do autista em casa, seus hábitos e conhecimento sobre aspectos muito importantes do comportamento da criança com TEA, o que resulta em dificuldades de socialização e interação desta criança no ambiente escolar e em outros espaços sociais.

O trabalho apresenta a seguinte estrutura: Introdução, em que apresentamos à temática abordada e justificamos a nossa escolha, apontamos os objetivos na pesquisa, a metodologia adotada e brevemente discorremos sobre a Educação Inclusiva; o primeiro capítulo, em que trazemos a interlocução teórica que respalda os nossos escritos na definição do Transtorno do Espectro Autista (TEA), na reflexão acerca da discussão da inclusão de crianças e TEA e na discussão da importância da família e da escola no processo inclusivo do TEA; o segundo capítulo, que aborda o percurso metodológico e a opção pela abordagem colaborativa, o lócus, os sujeitos e os procedimentos/instrumentos utilizados, quais sejam as sessões reflexivas e as entrevistas semiestruturadas; o terceiro capítulo, no qual apresentamos as nossas impressões/análises dos dados construídos a partir das sessões e das entrevistas semiestruturadas com os sujeitos da pesquisa e por último as Considerações finais, que constituem o fechamento do nosso trabalho com exposição acerca da relevância desta construção para a nossa formação como futura professora, bem como dos desdobramentos desta construção para outros trabalhos na área da Educação Inclusiva e em especial do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Definição do Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O transtorno do espectro autista (TEA) se refere a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva.

O TEA começa na infância e tende a persistir na adolescência e na idade adulta. Na maioria dos casos, as condições são aparentes durante os primeiros cinco anos de vida. Indivíduos com transtorno do espectro autista frequentemente apresentam outras condições concomitantes, incluindo epilepsia, depressão, ansiedade e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). O nível de funcionamento intelectual em indivíduos com TEA é extremamente variável, estendendo-se de comprometimento profundo até níveis superiores.

Moro (2010) nos traz a definição de autismo segundo o Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais:

De acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-IV, 2002), o autismo integra o grupo dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, ou seja, o grupo das patologias caracterizadas por prejuízos severos e invasivos nas diversas áreas do desenvolvimento. (p. 24)

Muitas são as definições do TEA, a partir de estudos e análises da situação clínica de cada indivíduo, e assim novas caracterizações vão surgindo. Para o Dr. Dráuzio Varella, o autismo:

Também chamado de Desordens do Espectro Autista (DEA ou ASD em inglês), recebe o nome de espectro (spectrum), porque envolve situações e apresentações muito diferentes umas das outras, numa gradação que vai da mais leves à mais grave. Todas, porém, em menor ou maior grau estão relacionadas, com as dificuldades de comunicação e relacionamento social. (VARELLA, 2014, p. 01)

O autismo não possui causas totalmente conhecidas, porém há evidências de que haja predisposição genética para ele. Outros reportam o suposto papel de infecções durante a gravidez e mesmo fatores ambientais, como poluição, no desenvolvimento do distúrbio.

Para Moro (2010, p. 24), “São comuns ao quadro do autismo: inabilidade da interação recíproca; inabilidades na comunicação ou presença de condutas estereotipadas, interesses e

atividades restritos.” Contudo, existem diversos sintomas que podem indicar autismo e nem sempre a criança apresentará todos eles, tendo em vista que o autismo pode variar de acordo com o seu grau de intensidade, o qual pode variar de moderado a grave.

2.2 A Inclusão de Crianças com Transtorno do Espectro Autista

Um dos maiores desafios da atualidade é proporcionar uma educação para todos, sem distinções, além de assegurar um trabalho educativo organizado e adaptado para atender às Necessidades Educacionais Especiais dos alunos. Nesse sentido, Borges (2005, p. 3, apud Bortolozzo, 2007, p. 15) afirma que “um aluno tem necessidades educacionais especiais quando apresenta dificuldades maiores que o restante dos alunos da sua idade para aprender o que está sendo previsto no currículo, precisando, assim, de caminhos alternativos para alcançar este aprendizado”.

Assim como está garantido na Constituição Federal; em seu Art. 205, em relação à educação como um direito de todos, bem como no Art. 206, inciso I, que estabelece igualdade de condições de acesso e permanência na escola. Esses direitos também são previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), nos Arts. 58 e 59, que oferecem respaldo para que o ensino da pessoa com deficiência (e que apresenta necessidades educacionais especiais) seja ministrado no ensino regular, preferencialmente, assim como em decretos e documentos. Além disso, há direitos previstos no Art. 1º, no § 2º, da Lei nº 12.764/12, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, designando acesso à educação com as adaptações cabíveis que contemplem suas necessidades.

Neste âmbito e considerando que a educação é direito de todas as pessoas, as crianças que possuem necessidades educativas especiais, precisam estar inseridas na educação, e os professores precisam estar preparados para agirem e ajudarem essas crianças. O indivíduo com autismo encontra uma série de dificuldades ao ingressar na escola regular. Essas dificuldades passam a fazer parte da rotina dos professores e da escola como um todo. Uma maneira de melhorar a adaptação e, conseqüentemente, obter a diminuição dessa contingência trazida pela criança e promover sua aprendizagem é adaptar o currículo.

2.3 A Importância da Família e da Educação na Inclusão de Crianças com TEA

Ao receber a notícia de que seu filho (a) é portador do TEA, em primeiro momento a família pode ficar abalada e pensativa. É um mundo cheio de incertezas e novidades em todos

os aspectos. Ao receber um diagnóstico que possa implicar tamanha gravidade, a família tende a se desesperar e, com grande facilidade, a se desestruturar. Sendo assim, faz-se necessário apoio familiar para que possam absorver o impacto do diagnóstico, superar a dor e manter a estrutura para lidar com a situação de cuidar de uma pessoa que demande maiores atenções. (TAMANAHA et al., op.cit., p.30).

Para que a criança se sinta protegida e segura a família precisa estar com ela, acompanhando, protegendo e incentivando a avanços nos aspectos que ela necessita. A família é a primeira interação social que toda criança tem, e a partir dela é que podem construir de maneira leve ou não outras interações e inclusões.

Os estudos de Castro e Regattieri (2009) elegem como prioridade, dentre tantas funções importantes que a aproximação das escolas e das famílias pode ter a recuperação da singularidade do aluno visto no seu contexto mais amplo.

Segundo Mônica Santos (1999), no tocante à relação entre família e escola, é preciso que ambas assumam um compromisso de reciprocidade, onde as responsabilidades sejam divididas igualmente:

No que cabe às relações entre família e escola, torna-se imperativo assumir um compromisso com a reciprocidade. De um lado, a família, com sua vivência e sabedoria prática a respeito de seus filhos. De outro, a escola com sua convivência e sabedoria não menos prática a respeito de seus alunos. É preciso entender que esses mesmos alunos são também os filhos, e que os filhos são (ou serão) os alunos. Dito de outra forma: cabe às duas instituições mais básicas das sociedades letradas o movimento de aproximação num plano mais horizontal, de distribuição mais igualitária de responsabilidades. (SANTOS, 1999, p. 05)

A relação família-escola é fundamental para a construção da identidade, autonomia e cidadania do aluno. Portanto, essas duas instituições devem estar conscientes de seu papel, devendo participar ativamente do processo de desenvolvimento dos alunos.

No processo de inclusão de crianças e estudantes com TEA, a escola deve buscar parceria com as famílias para conhecer hábitos e costumes delas, pois os pais têm informações valiosas podendo contribuir com o acompanhamento das ações pedagógicas. Os professores precisam de conhecimentos teóricos e metodológicos para atuar adequadamente, propondo práticas de ensino-aprendizagem voltadas ao desenvolvimento cognitivo e psicossocial, sobretudo para interações sociais e o desenvolvimento da linguagem de crianças e estudantes com TEA.

3.Percurso metodológico: a abordagem colaborativa, o lócus, os sujeitos e procedimentos utilizados

Este trabalho se constitui enquanto uma pesquisa qualitativa em educação, que fez uso de procedimentos e instrumentos da pesquisa colaborativa, de caráter interpretativo, reflexivo e dialógico, que permite articulações com outras perspectivas teórico-metodológicas. Neste caso, articulamos em nossa opção metodológica a pesquisa bibliográfica que nos respaldou nas leituras, reflexões e diálogos empreendidos em todo o percurso investigativo, como também na construção do capítulo teórico que norteou as escolhas e os procedimentos adotados na pesquisa.

3.1 A Abordagem Colaborativa: Um Olhar Coletivo e Cooperativo nas Pesquisas Educacionais

A pesquisa colaborativa propicia aos sujeitos participantes a construção de um olhar coletivo e cooperativo, que favorece a reflexão permanente na construção dos dados na pesquisa viabilizando a autocriticidade por parte de todos e de cada um (a). No que diz respeito às pesquisas em educação o fazer colaborativo contribui para o estabelecimento de laços de afetividade e pertencimento entre os sujeitos participantes, chamados de coparticipes. Nesses laços, as subjetividades se articulam, o compromisso com os valores humanos e éticos se constitui como critério fundamental na construção dos dados e o respeito entre pesquisados e pesquisadores se fortalece dando lugar a um além processo autocrítico nas questões e resultados na/da pesquisa.

Com o objetivo de transformar situações a partir de valores humanos compartilhados com ênfase no aspecto social, esse tipo de pesquisa se fundamenta na reflexão autocrítica de seus participantes e na avaliação constante para acompanhamento de resultados (PINHEIRO, 2007, p. 36).

Os princípios colaborativos constroem relações dialógicas e democráticas entre pesquisador e sujeitos participantes ampliando em ambos a compreensão da pesquisa como lugar de formação humana e profissional. Neste sentido, Paiva (2003) ressalta a concepção de formação de professores como possibilidade de uma prática pedagógica reflexiva que entenda a relevância da formação do professor como partícipe de um mundo contemporâneo exigente que requer um perfil de profissional que ultrapasse o ministrar dos conteúdos escolares e adentre nos desafios a serem superados na educação por meio da cooperação mútua e da reflexão coletiva nos diversos espaços sociais em que ocorre a formação humana.

Esta pesquisa colaborativa, realizada em três espaços sociais: escola, família e na Associação de mães e amigos dos autistas do vale do Açu (AMAAVA), possibilitou o contato com diferentes sujeitos: professores, mães de crianças com TEA e membros da AMAAVA (ONG que cuida de crianças com autismo).

As reflexões e os diálogos construídos com esses sujeitos foram de muita relevância para a nossa formação inicial como futura professora. No tocante a relação construída com a professora pude ouvir em seus relatos o quanto este trabalho tem significado para a sua formação continuada, pois a fez repensar a vivência com crianças com TEA, bem como questões de sua prática cotidiana. e da formação continuada da professora participante da investigação.

Para mim, o diálogo estabelecido com esta professora me fez repensar a prática pedagógica que pretendo desenvolver, bem como as concepções apreendidas no decorrer do curso de Pedagogia, em especial quanto o se fala de Educação Inclusiva.

A nosso ver, a escolha metodológica feita redimensionou os saberes da formação inicial e continuada de professores. Nos diálogos empreendidos nas sessões reflexivas pude compartilhar os saberes da formação com os saberes da prática. Nas entrevistas semiestruturadas, exercitei a escuta sensível que requer a capacidade interpretativa de entender o que não está explicitamente dito.

Desta maneira, corroboramos com o que defende Ibiapina (2007, p. 114-115), em seus estudos quando aponta a pesquisa colaborativa como um lugar de construção de dimensões relevantes no âmbito das pesquisas em educação:

(...) quando o pesquisador aproxima suas preocupações das preocupações dos professores, compreendendo-as por meio da reflexividade crítica, e proporciona condições para que os professores revejam, conceitos e práticas; e de outro lado, contempla o campo da prática, quando o pesquisador solicita a colaboração dos docentes para investigar certo objeto de pesquisa, investigando e fazendo avançar a formação docente, esse é um dos desafios colaborativos, responder as necessidades de docentes e os interesses de produção de conhecimentos. A pesquisa colaborativa, portanto, reconcilia duas dimensões da pesquisa em educação, a produção de saberes e a formação continuada de professores. Essa dupla dimensão privilegia pesquisa e formação, fazendo avançar os conhecimentos produzidos na academia e na escola.

Em se tratando da pesquisa como um investimento pessoal e criativo faz-se importante que adentre nos projetos próprios do ser professores. No nosso caso, o interesse por compreender mais profundamente a Educação Inclusiva como um compromisso na construção de minha identidade profissional, que deseja alcançar a dimensão pedagógica num cenário de produção de saberes, experiências e práticas em que eu possa desenvolver a minha prática

pedagógica vinculada aos contextos nos quais estou inserida e implicada, neste caso no âmbito da educação inclusiva pela vivência pessoal e familiar que tenho com este campo da educação.

3.2 O Lócus e os Sujeitos da Pesquisa: Compartilhando Vivências no Lidar com o TEA

A pesquisa aconteceu em três espaços distintos: a escola, a família e a Associação de Mães e Amigos dos Autistas do Vale do Assu - AMAAVA. O primeiro espaço se trata de uma escola da rede privada da cidade de Assu/RN; o segundo, a família de duas crianças com TEA e o terceiro, a Associação de Mães e Amigos dos Autistas do Vale do Assu (AMAAVA), como lugar que a mãe dessas crianças participa ativamente das lutas a favor do TEA.

Optamos por mencionar a AMAAVA em nosso trabalho pelo fato da mãe também ser membro desta instituição e em suas falas sempre se reportar a esta instituição como uma instituição que muito tem colaborado com a mesma na vivência deste grande desafio de ser mãe de duas crianças com autismo.

A instituição AMAAVA - Associação de Mães e Amigos dos Autista do Vale do Assu, não tem fins lucrativos foi criada enquanto grupo de apoio em meados de 2019 e registrada em janeiro de 2020. Hoje funciona em sede provisória, mas com a sede própria em construção, atende em torno de 40 famílias, tem um grupo de apoio on-line com projetos de rodas de conversas, cursos e palestras sobre autismo.

As famílias e as crianças da associação contam com acompanhamento de psicólogos, psicopedagogos, Terapeutas ocupacional, fonoaudiólogo e assistente social, com demanda desses profissionais e especialistas disponível apenas para as crianças associadas, mas também disponibiliza para os grupos de famílias e crianças cadastradas palestras e momentos culturais, totalizando 100 crianças autistas cadastradas e em fila de espera para atendimento dos profissionais da instituição.

Foi criada como lema CUIDANDO DE QUEM CUIDA, com o projeto de expandir atendimento a uma demanda maior da sociedade do município e região, conta com o apoio financeiro da prefeitura de Assu para despesas de abastecimento de água, energia e aluguel do prédio da sede, e foi também a mesma que fez a doação do terreno para a construção da sede permanente da instituição

Para o embasamento das nossas questões e na consideração das subjetividades envolvidas na pesquisa realizamos o nosso trabalho de campo com uma professora pedagoga de uma escola privada do município de Assú/ RN, e uma mãe com Ensino Médio completo, a qual tem dois filhos com autismo e que são assistidos pela AMAAVA. Esta mãe também é

membro da AMAAVA onde atua como tesoureira. Optamos pelo uso de pseudônimos para protegermos a identidade de nossas colaboradoras. Chamamos a Professora de Doce e a mãe de Deusa.

As nossas reflexões com a mãe Deusa se respaldaram na convivência da mesma com seus dois filhos autistas, os quais chamamos pelos pseudônimos de Luz, o pré-adolescente de 12 anos e Pingo de Treta, de quatro anos de idade.

No trabalho de campo fizemos uso de dois procedimentos: as sessões reflexivas e as entrevistas semiestruturadas, as quais enquanto elementos do fazer colaborativo nos embasam nas reflexões e diálogos empreendidos em todo o percurso investigativo.

3.3 Procedimentos Utilizados: Sessões Reflexivas e Entrevistas Semiestruturadas

As sessões reflexivas e as entrevistas semiestruturadas foram lugares de cooperação mútua e solidariedade no entendimento dos desafios do TEA. Esses procedimentos nos permitiram o diálogo mais próximo com os sujeitos. Este diálogo oportunizou a escuta sensível buscando compreender o que também estava nas entrelinhas e o que não é dito. Este diálogo se respalda na solidariedade e na oportunidade de nos colocarmos no lugar do outro. Faz-se necessário dizer que o diálogo amistoso e respeitoso nos permitiu adentrar para além do que esperávamos ouvir.

O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos. Este encontro amoroso não pode ser, por isto mesmo, um encontro de inconciliáveis. (FREIRE, 1980, p.43)

Realizamos duas sessões reflexivas ou como chamamos encontros reflexivos com a professora Doce e a mãe Deusa. As sessões antecederam as entrevistas semiestruturadas. Esses encontros aconteceram de forma presencial cumprindo os protocolos de segurança da COVID-19, como também por meio do aplicativo de whatsapp.

Nesses encontros com a professora e com a mãe, tanto através de whatsapp como também pessoalmente conversamos sobre a importância do diálogo entre a escola e a família. Neste sentido, a professora relatou o quanto se sentiu estimulada a buscar cada vez mais conhecimento sobre educação inclusiva a partir do momento que começou a convivência com as famílias. Enfatizou principalmente, que por meio desta convivência foi possível compreender os múltiplos desafios que cada aluno (a) enfrenta em suas especificidades, bem como a necessidade de apoio e atendimento educacional especializado para as suas famílias.

Em sua fala a professora Doce nos relatou igualmente a importância do conhecimento aprofundado sobre educação inclusiva. Ressaltou ainda a relevância em conhecer os alunos e suas famílias e como esta relação contribui expressivamente para suas práticas de ensino na Educação inclusiva.

Ao indagarmos sobre a participação das mães, a professora Doce, expressou a importância do convívio com mães que militam ativamente em causas da Educação Inclusiva e que têm compromisso com a inclusão social de crianças e adolescentes com TEA.

Doce também relata sobre a relutância ou dificuldade de alguns pais em aceitar ou entender as necessidades de uma criança no TEA. A esse respeito destacou:

Os pais se fazem presente na vida escolar e buscam suprir as necessidades que surgem no caminho, alguns não sabem como trabalha-las, mas estão sempre abertos para pedir ajuda. Claro que há uma minoria que desconhece as necessidades das crianças e relutam em aceitar ajuda. (Professora Doce).

Os encontros com a mãe, a qual demos o pseudônimo de Deusa, também aconteceram de forma presencial e via whatsapp. Deusa relata a importância da escola está preparada para receber a criança com TEA, ressaltando que o acolhimento e o entendimento sobre as necessidades de cada autista é muito importante para a inclusão deste. Destacou que o processo de inclusão de seus filhos na comunidade escolar só foi possível por meio do amor e da dedicação de cada professor (a).

Ao indagarmos sobre o espaço de voz, Deusa enfatiza a relevância de ser ouvida e de ouvir. Confidenciou-nos que o compartilhamento da vivência, o entendimento da metodologia aplicada na sala de aula e direcionada aos seus filhos, contribuiu para o desenvolvimento de cada um deles, tendo em vista que são duas crianças com o Transtorno do Espectro Autista e em idades completamente diferentes. Uma das crianças chegando na pré-adolescência, não verbal e com grau severo de autismo; e a outra ainda na primeira infância também não verbal e com diagnóstico ainda em investigação. Faz-se importante lembrar que ambas as crianças ainda não conseguem dialogar com os seus pais, nem com as outras pessoas de sua convivência familiar.

Em suas falas percebemos o quanto a proximidade entre Deusa e a escola tem sido importante para o dia-a-dia escolar de suas crianças: “A escola sempre me ajuda contando como meus filhos desenvolvem suas atividades, a partir disso tento dar continuidade em casa, respeitando as limitações deles e as minhas próprias.” (Mãe Deusa).

Nossos encontros reflexivos com Doce e Deusa preparam o caminho para as entrevistas semiestruturadas e foram o contato inicial para que pudéssemos entender como se dá o trabalho

desenvolvido na escola, em casa e na instituição AMAAVA, e como esse trabalho contribuem para a inclusão das crianças em seus ciclos de relacionamento e convivência social. Percebemos por meio das sessões reflexivas que os diálogos entre escola e família contribuem para que a escola possa auxiliar os pais na descoberta acerca das limitações e na aceitação da condição de seus filhos com TEA.

As entrevistas semiestruturadas seguiram um roteiro em anexo construído a partir de eixos que trazem apontamentos relacionados a questões muito importantes da atuação da professora em sala de aula.

Os eixos se articulam com os objetivos da pesquisa. Optamos por transcrever de cada eixo as questões que para nós são mais relevantes na abordagem do objeto de estudo. Apresentamos inicialmente a entrevista com a Professora Doce.

3.3.1 Eixo 01 – Da Formação e Atuação Profissional

Neste eixo concentramos as perguntas relativas à formação da professora e a sua atuação na Educação Inclusiva. Dentre os apontamentos abordamos questões relativas ao perfil das turmas em que atua, ao planejamento pedagógico, aos desafios que a professora Doce encontra, bem como as condições que lhe são oferecidas para o trabalho com o TEA.

Ao perguntarmos sobre o perfil da turma, Doce nos respondeu que em sua turma estão matriculadas três crianças com TEA, as quais Doce descreveu como: um não verbal, mas que consegue copiar e compreender bem os exercícios propostos em sala de aula. O outro verbal que compreende os exercícios, mas que no momento de atividades avaliativas só consegue desenvolvê-las de forma oral, se negando a fazer de forma escrita, e por último Luz (filho de Deusa), que é não verbal, tem um grau de autismo severo e que encontra bastante dificuldade em responder a comandos e com isso dificulta o desenvolvimento das atividades avaliativas. Doce nos falou que nesse contexto de sua sala sentiu a necessidade de buscar muito mais conhecimentos sobre a educação inclusiva:

A entrada na educação inclusiva se deu através do convívio com crianças com deficiência, e na busca de auxiliá-las melhor no processo de aprendizagem, pois não tenho formação não área, reforcei assim meus estudos no tema através de cursos que nos são oferecidos, como do “Congresso de Psicomotricidade, Neurociência e Neuropedagogia na Educação”, “Jornada TEA- como a ABA pode ajudar?”, do “congresso TEA e psicomotricidade” oferecidos pelas faculdades Rhema e o curso “Educação especial: história, políticas e práticas”, oferecido pela Secretaria Geral de educação a Distância da universidade Federal de São Carlos. (Professora Doce).

3.3.2 Eixo 02 – Currículo da Educação Inclusiva

No eixo dois da entrevista com a professora Doce abordamos o Currículo da educação inclusiva. Doce nos respondeu sobre os ajustes em suas práticas para melhor desenvolver as atividades educativas. Ressaltou que segue o PPP da escola, e que junto com a equipe pedagógica desenvolve técnicas para reconhecer as especificidades de cada aluno e buscar uma melhor forma de ensino e aprendizagem.

A partir do PPP da escola, é realizado alguns ajustes que buscam trabalhar um currículo que visa atender as necessidades dos alunos e suas particularidades para que eles também possam atingir as atividades educativas necessárias. Os conteúdos são pensados de acordo com a necessidades dos alunos e adaptados para que possam atendê-los. Esses saberes experienciais dos alunos são elevados em consideração, e a partir daí do que eles já sabem e amaneira como atingiram esses saberes os conteúdos são organizados para que eles possam relacionar esse conhecimento com os conteúdos em sala. (Professora Doce).

Doce enfatizou como é importante conhecer as necessidades de cada aluno e estarmos abertos ao diálogo para desenvolver práticas de atividades inclusivas, dialogar com a família e entendermos as dificuldades e limitação da criança com TEA e do apoio que suas famílias precisam receber.

3.3.3 Eixo 03 – Prática Pedagógica Curricular na Educação Inclusiva com Ênfase no Transtorno do Espectro Autista

Muitas vezes os professores se sentem incapazes de exercerem a sua prática pedagógica junto aos alunos com deficiências, como também nem sempre conseguem contar com o apoio dos profissionais especializados na área. Esses professores apontam a fragilidade da escola em receber e elaborar propostas educacionais para esse grupo de criança. Quando a legislação trouxe as crianças com deficiência, para o ambiente de ensino regular se fez necessário que as escolas e professores se adaptassem a essa nova realidade, mas nem sempre essa adaptação acontece.

O cotidiano do professor no âmbito escolar depende de sua práticas pedagógicas aplicadas e ações realizadas. Essas ações precisam considerar a dinâmica da sala de aula que consta desde a chegada dos professores e dos alunos até a infraestrutura dessas salas, observando como os alunos interagem entre si.

Nesse sentido é importante que as habilidades dos professores sejam modificadas e aprimoradas para que sejam atendidas as necessidades das crianças com deficiência. Como também para que os professores as ajudem a se desenvolverem nos seus aprendizados. Por esse motivo se faz tão importante o diálogo com a família e a escola. Esse diálogo possibilita conhecer as dificuldades do aluno com deficiência e buscar novas práticas de ensino que diminuam as dificuldades de transmissão dos conteúdos planejados.

A respeito das dificuldades dessas crianças a Professora Doce ressalta:

(...) A ansiedade e dificuldade de concentração que alguns apresentam comprometem o bom andamento dos mesmos nas atividades desenvolvidas. Para superarmos estes problemas realizamos adaptações de atividades de acordo com as necessidades apresentadas, e trabalhamos na elaboração de atividades lúdicas e jogos com o foco de aprendizagem dos temas trabalhados em sala de aula. O nosso intuito é fazer uso de linguagem objetiva e clara (...). (Professora Doce)

3.3.4 Eixo 04 – Integração dos Saberes/Fazeres Docentes da Formação e da Vivência na Educação Inclusiva

A formação continuada do professor no contexto educacional especial e inclusivo, faz muita diferença nas relações sociais, educativas, O professor deve estar preparado em sua prática pedagógica, repensando métodos alternativos e metodologias de acordo com as necessidades específicas dos alunos, considerando os aspectos do contexto educacional.

A formação continuada fornece há todos os docentes, medidas significativas para desenvolver um ensino-aprendizagem de qualidade e um melhor desenvolvimento das habilidades dos alunos. De acordo com a Resolução nº 01 de 2002 do Conselho Nacional de Educação e Conselho Pleno (CNE/CP) do Ministério da Educação (MEC), que, instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, para curso de licenciatura, em seu art. 6º, § 3º, refere que o projeto pedagógico da escola deve incluir conhecimentos que possam promover o debate sobre questões culturais, sociais e econômicas.

Conhecer as necessidades dos alunos e saber desenvolver práticas pedagógicas que se adequem a realidade da educação especial é muito importante para o desenvolvimento e evolução da criança com necessidades especiais. Esse conhecimento se origina na integração dos saberes docentes da formação e da vivência. Construção e integração dos saberes dos professores se dão necessariamente no compartilhamento de suas práticas por meio dos processos de formação inicial e continuada. Infelizmente a realidade das políticas direcionadas a Educação inclusiva ainda não conseguem atender as demandas específicas da área.

Os professores em sua maioria ficam à mercê de políticas de formação continuada que nunca lhes alcançam. Depende muito da iniciativa individual de cada professor buscar outras perspectivas de estudos mais elaborados. Sabemos que na verdade é obrigação do Estado ofertar cursos de formação continuada para os professores de todas as modalidades de ensino.

Por isso, reconhecemos a importância de uma formação continuada para os professores. Na pesquisa, no contato com esses professores ouvimos em seus relatos como estes sentem falta de cursos e processos formativos. Em um desses contatos a professora Doce demonstrou a necessidade destes processos formativos que lhes dessem suporte em suas práticas: “Este processo poderia se dar através de mais oportunidades de ensino para os professores”. (Professora Doce).

3.3.5 Eixo 01 – Da Vivência e Experiência Cotidianas no Lidar com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Família e em Outros Espaços Sociais

As entrevistas com Deusa aconteceram a partir de um diálogo aberto em que a mesma ficou à vontade para falar de questões que estavam apontadas nos roteiros que foram elaborados por meio de eixos. Para a realização das entrevistas fizemos encontros presenciais e via whatsapp. Deusa falou sobre o quanto é importante a contribuição da escola, e que participar dos momentos da evolução educacional de seus filhos é primordial para o desenvolvimento social deles e para que a mesma compreenda melhor as necessidades dos mesmos e possa ajudá-los em suas vidas escolares. É importante lembrar que Deusa é mãe de duas crianças com autismo. Deusa nos fala que cada desafio superado e cada evolução no desenvolvimento das crianças significa uma grande conquista para a família. Ela frisa a importância de ser ouvida pela escola e que esse acolhimento a auxilia na compreensão de como ajudar seus filhos em cada crise que o autismo provoca.

Neste eixo Deusa as perguntas foram direcionadas para a compreensão da dinâmica da vivência e experiência com o Transtorno do Espectro Autista.

Sabemos que a família é o primeiro contato social do ser humano e também o lugar em que primeiro se manifestam os comportamentos de todos os membros familiares. Na vivência com o TEA a família precisa reorganizar a sua dinâmica cotidiana para que a sua estrutura não seja tão impactada com os diferentes estágios de desenvolvimento por que passam as crianças com TEA. O nascimento de uma criança traz muitas responsabilidades para a família, e esse fato tem significado muito profundo, pois a família possui um papel muito importante para a

criança no seu desenvolvimento, e tem uma influência fundamental na formação da personalidade dela.

Dentro do contexto da família podemos pensar que na gestação esperamos uma criança saudável com um desenvolvimento dentro dos padrões de saúde, quando isso não acontece a família passar por dificuldades e esse momento vem envolvido por um sentimento de tristeza e incompreensão. O cuidado muitas vezes excessivo com crianças que possuem necessidades educacionais especiais e em seguida o período de aceitação dessas crianças podem comprometer o desenvolvimento das mesmas e impedi-las de terem autonomia. Neste cenário desafiador toda a organização da família vai ser modificada, a assistência prestada fica voltada para a deficiência da criança, todo o foco do cuidar fica direcionado para ela deixando os aspectos psicológicos da família descuidados.

A escola e o segundo lugar de interação social depois da família e é de lá que se espera um desenvolvimento educacional de todas as crianças, com as crianças dentro desse espectro esse desenvolvimento se torna mais complexo e requer um olhar mais compreensivo por parte da equipe escolar.

Compreender a necessidades da criança com TEA ajuda tanto em sua socialização em família como também em outros meios sociais, ajudando também a família na compreensão e como identificar uma crise. A esse respeito Deusa fala:

Para mim a maior vitória até aqui é conseguir ler no olhar deles o teor do sentimento que está se passando, assim consigo muitas vezes identificar possíveis gatilhos e evitá-los; com isso evito crises, também aprendi a lidar com algumas crises e acalmar, mas não é sempre (Mãe, Deusa).

3.3.6 Eixo 02 – Da Experiência Maternal no Cuidar de uma Criança com TEA

Educar uma criança requer muito cuidado e atenção, e quando se trata de uma criança dentro do transtorno esse cuidado redobra, pois, além de cuidar precisamos buscar métodos de como inseri-lo no contexto social e educacional.

O diagnóstico geralmente é consolidado por volta do terceiro ano, mas as manifestações clínicas (choro indiferenciado, grito excessivo, não responsividade a gestos, pouco interesse por brincadeiras/jogos lúdicos, atenção a partes de brinquedo do que sua própria função, ecolalia, isolamento, desinteresse e rejeição a brincar com outras crianças, recusa alimentar) são perceptíveis previamente, porém os critérios diagnósticos nem sempre são observados de forma clara na assistência (JOZÉFCZUK J, et al., 2017).

Diante do diagnóstico cria-se questionamentos de como os familiares vão cuidar das crianças com TEA e entender os cuidados que precisam ser prestados pelas famílias as crianças.

Na inserção destas crianças nos espaços sociais é preciso proporcioná-las vivências diversas com outras crianças. Faz-se necessário igualmente uma rede de suporte social para esse cuidado cotidiano que pressupõe identificar os aspectos que interferem nesse cuidar das crianças com autismo. Tudo isso pode facilitar o desenvolvimento social delas e a melhor convivência com o ciclo familiar e escolar. Esse suporte familiar e da escola ameniza a frustração do diagnóstico e principalmente não saber como agir diante dele e das dificuldades enfrentadas por uma criança com autismo.

(...) Devo dizer que é a frustração, pois ser mãe de autista, principalmente não verbais como os meus me deixa impotente na maioria das vezes... São muito acolhidos por toda a equipe escolar e inseridos na turma com os coleguinhas de forma linda. (Mãe, Deusa)

3.3.7 Eixo 03 – Da Relação Construída Entre a Criança com TEA na Escola, com Outras Crianças e suas Famílias

A escola tem um papel muito importante na integração social da criança, é lá um dos principais ambientes de convívio social fora do convívio familiar. Dentro das práticas pedagógicas é importante que o professor medie a aprendizagem dos alunos por meio do desenvolvimento de atividades comuns a todos da sala de aula, ou seja, as crianças com TEA podem desenvolver as mesmas atividades desenvolvidas por seus amiguinhos, só que uma atenção diferenciada que possa atender melhor às necessidades próprias de cada criança.

A Inclusão social das crianças com TEA escolar é uma questão que envolve a reorganização das práticas escolares e de todo o funcionamento e dinâmica escolar para que não se matriculem crianças com necessidades especiais em uma escola de ensino regular a qualquer custo sem que estas crianças recebam o apoio necessário e consequentemente os seus professores tenham que enfrentarem sozinhos os desafios de uma prática pedagógica que lida com as diversas necessidades educacionais especiais. Não se trata apenas de flexibilizar as atividades, mas de inserir nos currículos as necessidades de cada um (a) criança.

É importante escolher estratégias pedagógicas que possam ser incorporadas ao cotidiano escolar de uma maneira que se tornem instrumentos de fácil acesso tanto para os alunos como para os professores. Faz-se necessário estabelecer parcerias que possam ser efetivadas por meio da participação de outros profissionais de outras áreas, em especial da área da saúde que venham a formar as equipes multidisciplinares das escolas. Esses profissionais podem auxiliar os professores nas atividades que estes desenvolvem junto aos alunos com deficiência. Desse

modo são facilitadas a inclusão social dessas crianças em todos os espaços sociais e principalmente na escola como reforça a mãe Deusa:

(...) Por não ser uma comunicação convencional eu só consigo captar o teor das emoções do meu filho mais velho, e ainda estou aprendendo a ler o olhar do meu bebê. Sobre relações que meus estabelecem nos outros espaços, como mãe me sinto grata aos colegas de Luz (12 anos) por jamais desistirem dele. Não consigo imaginar a força e amor desses amigos, de passar anos a fio falando com alguém que não responde. Sobre o que ele sente, só desejo que ele consiga sentir e entender como é amado e fique feliz com isso. Desejo o mesmo para Pingo de treta (4 anos) que os colegas sejam tão preciosos quanto os de Luz, pois isso mudou tudo para nós. (Mãe, Deusa)

Nas entrevistas com Deusa compreendemos o quanto é necessário a parceria estabelecida com a escola. As mães de crianças com TEA precisam acompanhar e entender a dinâmica escolar de seus filhos. Precisam também terem conhecimento de como são planejadas as metodologias trabalhadas, identificar os resultados para que possam ajudar na reorganização de novas estratégias pedagógicas e contribuir com esta reorganização e planejamento pedagógico. Compreender e acompanhar esses processos no dia-a-dia dos professores e da escola significa muito na evolução social do aluno com autismo. O papel da escola é fundamental para a inserção e inclusão das crianças como reforça a mãe em sua fala “A escola tirou Luz do ostracismo e hoje ele tem uma socialização muito boa, e percebemos que está fazendo toda diferença pra o Pingo de treta”. (Deusa).

4. Impressões acerca dos dados construídos nas sessões e entrevistas

Neste capítulo compartilhamos as nossas impressões e visões acerca das questões dialogadas nas sessões reflexivas e entrevistas com sujeitos participantes da pesquisa. Optamos por refletir a respeito de aspectos consideramos relevantes para o trabalho que desenvolvemos. Neste sentido, apresentaremos as impressões do que para foi relevante neste percurso investigativo.

4.1 Das Impressões Construídas no Diálogo com a Professora Doce

Ao abordarmos o eixo que tratava do diálogo entre a escola e a família a professora Doce nos falou do quanto esta relação estabelecida a estimulava a buscar sempre mais conhecimento sobre a Educação Inclusiva. A professora ressaltou que a partir da relação que

estabeleceu com a família da criança pôde compreender as dificuldades que esta criança enfrenta na vivência da sua necessidade.

A visão da professora nos leva a entender a necessidade da parceria entre a escola e a família para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra na perspectiva de atender as demandas de aprendizagem das crianças com necessidades educacionais especiais. Outro aspecto que apreendemos a partir da fala da professora é que esta parceria escola e família favorece as suas reflexões e entendimento da educação inclusiva como um campo de conhecimento vasto que necessita de estudos e reflexões permanentes.

Na abordagem a respeito da participação das mães a professora Doce ressaltou a importância do convívio com as mães que atuam nas causas da Educação Inclusiva e em especial da mãe participante da pesquisa. Segundo Doce essas mães se envolvem muito mais com o todo o processo de aprendizagem de seus filhos e as mesmas demonstram compromisso com as necessidades educacionais de seus filhos. A professora também ressaltou as dificuldades vividas pelos pais que em sua maioria precisam de ajuda para lidarem com as necessidades e especificidades de seus filhos.

Esta realidade aponta para a necessidade que a escola desenvolva atividades de apoio e orientação com as famílias que enfrentam as diversas necessidades educacionais de seus filhos, ou seja, a escola precisa organizar ações que envolvam as famílias discutindo com elas a respeito das múltiplas necessidades educacionais especiais de suas crianças.

No trato das questões relativas a formação profissional e atuação a professora Doce compartilhou conosco que a sua entrada na educação inclusiva se deu pela necessidade que sentiu a partir do convívio com crianças de sua proximidade e pelo desejo de auxiliá-las e as suas famílias na escola em especial. Segundo a professora apesar de não possuir sempre buscou estudar sobre Educação Inclusiva participando como cursista em congressos, jornadas e cursos que são ofertados e que a mesma vive a buscar.

Neste sentido, percebemos o quanto faz falta a existência de políticas públicas voltadas para a formação inicial e continuada na Educação Inclusiva. Entendemos que os professores ficam a mercê da busca isolada por compreender aspectos necessários às suas práticas na Educação Inclusiva.

Infelizmente não percebemos ainda nas escolas a existência de cursos de formação continuada para os professores que lidam com necessidades educacionais especiais. Esta realidade vivida pela professora Doce é comum nas outras escolas sejam públicas ou privadas.

Quando falamos com a professora Doce sobre o currículo praticado na escola e sobre as articulações destes currículos com o Projeto Político Pedagógico PPP, a mesma falou que segue

o PPP e que faz ajustes nas suas práticas a partir deste documento e das orientações da equipe pedagógica da escola. Doce disse ainda que esses ajustes buscam organizar as atividades a partir das necessidades individuais de cada criança com necessidade educacional especial. Relatou ainda que considera as experiências vividas nas famílias e que as crianças conseguem relacionar as experiências familiares conjuntamente com as atividades e conteúdos trabalhados em sua sala de aula.

Diante deste relato entendemos a importância do alinhamento entre a prática pedagógica e o PPP. Este alinhamento que a professora diz existir facilita o processo de ensino e aprendizagem e situa a criança no contexto escolar a partir da valorização dos conhecimentos e saberes que traz de casa.

Ao indagarmos a professora sobre as dificuldades das crianças e como estas interferem na aprendizagem Deusa relatou que a ansiedade é que mais atrapalha todo o processo e bom desempenho dessas crianças. Deusa relatou que para amenizar esta ansiedade faz uso da ludicidade e jogos que facilita a estadia das crianças nas salas de aula e ainda apresentam uma linguagem clara e objetiva que favorece a integração da criança no contexto das salas e nas relações que estas estabelecem com as outras crianças, com a professora e com os demais profissionais da escola.

A partir desta fala compreendemos a importância de situar as crianças em contextos lúdicos e de jogos, pois nesses contextos as crianças se mostram menos ansiosas e conseguem se integrarem as atividades desenvolvidas.

Assim, os aspectos muito positivos apresentados em nossas impressões dos diálogos com a professora. Compartilhar as experiências e vivências da prática da professora nos fez entender que o nosso interesse por adentrar na realidade desta escola, locus de nosso trabalho.

4.2 Das Impressões Construídas no Diálogo com a Mãe Deusa

Na abordagem dos eixos com a mãe as nossas impressões destacam algumas questões que consideramos muito relevantes. Dentre as quais as relativas a vivência cotidiana no lidar com dois filhos com TEA.

Ao conversarmos sobre o comportamento de filhos e como se dá a comunicação entre ela e eles, Deusa mencionou que reconhecer os sentimentos a partir do olhar é muito importante para lidar com as crises que os mesmos desenvolvem. Trata-se de duas crianças que não estabelecem uma comunicação normal em virtude do grau acentuado de autismo. Neste

contexto o sentir por meio de um olhar, a afetividade envolvida é capaz de amenizar as crises de ansiedade manifestadas pelas crianças.

Cabe-nos entender o quanto esta mãe precisa de apoio especializado, para que a mesma consiga estabelecer minimamente uma rotina saudável em sua casa. Todas as conquistas são vitórias para essa família que precisa cotidianamente se reinventar na difícil tarefa de lidar com o Transtorno do Espectro Autista.

Nas conversas e entrevistas com Deusa quando pedíamos que a mesma falasse da experiência maternal de lidar com o transtorno de seus filhos ouvimos atentamente os seus desabafos, nos quais relatava que não era uma experiência fácil. No seu caso, seus filhos não se comunicam verbalmente e isso causa muita frustração na relação que a mesma estabelece com os mesmos. A mãe confidenciou que sente impotente, mesmo recebendo todo apoio da escola. Nos falava do quanto seus filhos são bem acolhidos e inseridos na turma junto as outras crianças e que apesar de todo o acolhimento ainda se sente impotente diante das necessidades de seus filhos e da inexistência de um diálogo com suas crianças.

Quando do trato das questões da relação de seus filhos na escola e com outras crianças a mãe comentou o quanto é importante estas relações para a inserção de seus filhos nos espaços sociais. Comentou ainda como é igualmente importante acompanhar a dinâmica de organização das atividades escolares e poder ajudar as suas crianças no desenvolvimento dessas atividades e das ações desenvolvidas na escola.

Notamos a relevância da proximidade da mãe com o cotidiano da sala de aula e com todo o contexto escolar. A nosso ver a mãe valoriza as parcerias estabelecidas e reconhece como essas parcerias a ajudam no dia-a-dia de seus filhos. Deusa igualmente fala da relevância de parcerias com profissionais da saúde.

De um modo geral as reflexões e os diálogos com a mãe Deusa nos fizeram entender a importância que a mesma atribui a escola na inserção social de seus filhos e no desenvolvimento dos mesmos em suas limitações causadas pelo TEA.

As nossas impressões são muito positivas no tocante a boa relação que esta mãe estabelece com a escola, como também entendemos que a participação desta na AMAAVA contribui muito para que a mesma se envolva na luta por mais oportunidades de aprendizagem para seus filhos e para outras crianças e famílias que precisam lidar com este transtorno que afeta principalmente o convívio social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste trabalho significou muito para a nossa formação pessoal e profissional, sobretudo principalmente para o despertar como professora-pesquisadora.

No desenvolvimento deste artigo e da pesquisa compreendemos a atividade de pesquisa como um instrumento muito relevante para a prática dos professores. Vimos o quanto esta atividade colabora para a resolução de muitas questões da prática pedagógica como também para o entendimento do processo de ensino e aprendizagem.

No decorrer do curso de Pedagogia o nosso interesse pelas reflexões acerca do currículo da Educação Inclusiva foi aumentando e este interesse nos levou a realização da pesquisa a que nos propomos. Apesar das dificuldades enfrentadas em virtude da pandemia da COVID-19 que prejudicou muitas questões de nossa pesquisa conseguimos realizar o melhor que podíamos para aquele momento. O mais importante foi termos conseguido estabelecer uma relação muito próxima com os sujeitos da pesquisa, a professora e a mãe que muito colaboraram com as nossas inquietações e questionamentos quando da participação das mesmas nas sessões e entrevistas como procedimentos realizados.

Todo o percurso trilhado foi de muita aprendizagem desde as reflexões, a organização dos roteiros, as leituras de outros autores nos fizeram aprender muito sobre a temática que escolhemos.

Adentramos na discussão do cotidiano familiar e escolar de crianças com autismo e vivenciamos as dificuldades que estas enfrentam para a inserção social necessária.

Outro aspecto muito importante foi compreender o quanto as famílias destas crianças com autismo, precisam de apoio e suporte psicológico para que possam estabelecer minimamente uma rotina saudável e sociável para seus filhos ou parentes que vivem o TEA.

Nesses escritos finais retomamos os objetivos e ousamos dizer que entendemos como é necessário e indispensável o estabelecimento de uma relação muito próxima entre a escola e família para que aconteça a inclusão das crianças com TEA nos mais diversos espaços sociais.

Por meio dos procedimentos que realizamos conseguimos entender como é complexa a relação que as crianças com TEA estabelecem com a escola e com o professor. Esta complexidade requer o estabelecimento de laços de afetividade e de respeito entre estas crianças e seus professores.

Através dos diálogos com a professora e com a mãe participantes de nossa pesquisa vimos quão grandes são os desafios no lidar com o TEA, principalmente dependendo do grau de autismo vivido pelas crianças.

Vivenciamos a rotina da escola lócus da pesquisa e constatamos como a professora e os demais profissionais se esforçam para que as crianças sejam incluídas e vivenciem as atividades escolares.

Visualizamos na prática da professora metodologias inclusivas que buscam o envolvimento e a participação das crianças com autismo em todas as tarefas escolares.

Entendemos também como a parceria estabelecida entre a escola e a família são benéficas para o desenvolvimento das crianças autistas.

Em suma, este trabalho nos instigou a prosseguir em outras atividades investigativas na temática da Educação Inclusiva. Intencionamos construir outros trabalhos que possam colaborar com as famílias e com a escola no processo de ensino e aprendizagem e a na inserção social das crianças que vivenciam o Transtorno do Espectro Autista.

6.REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB**. Brasília: MEC, p. 25, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 23 nov. 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3.ed. São Paulo: Moraes, 1980.

MORO, M. P. **O brincar, a interação dialogica e o circuito pulsional da voz na terapia fonoaudiológica de crianças do espectro autístico**. 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6483/MORO%2c%20MICHELE%20PAULA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 06/maio/2022

TAMANHA, Ana Carina et al. **Protocolo do Estado de São Paulo de Diagnóstico Tratamento e Encaminhamento de Pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. 1. ed. São Paulo: SEDPeD, 2013. 84 f. Disponível em: <http://www.saude.sp.gov.br/resources/ses/perfil/profissional-da-saude/homepage/protocolo_tea_sp_2014.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2018

PAIVA, E. V. A formação do professor crítico-reflexivo. In: PAIVA, E. V. (Org.). **Pesquisando a formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PINHEIRO, Rosa Aparecida. **A formação de educadores de jovens e adultos no Programa Geração Cidadã: relação entre saberes na proposição curricular**. 2007. 220f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/14550/1/Forma%c3%a7%c3%a3oEducadoresJovens_Pinheiro_2007.pdf>. Acesso em: 10/maio/2022

VARELLA, Drauzio. Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Drauzio Varella**, 30 de janeiro de 2014. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/crianca-2/tea-transtorno-do-espectro-autista-ii/>>. Acesso em: 12/maio/2022

7.APÊNDICES

APÊNCIDE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

SUJEITO: PROFESSORA

EIXOS TEMÁTICOS

EIXO 01 – DA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

- a) Como se deu necessariamente sua entrada na Educação Inclusiva? Qual a sua formação nessa área?
- b) Que concepção você vem construindo acerca desta modalidade de ensino?
- c) Você já participou em algum momento da organização e planejamento do Projeto Político Pedagógico da Escola?
- d) Como foi pensada a Educação Inclusiva neste Projeto Político Pedagógico?
- e) Em caso negativo, você acredita ser relevante a sua participação e dos demais professores desta modalidade de ensino na organização e planejamento desse projeto? Por quê?
- f) Qual a faixa etária das crianças e o nível escolar que você atende na Educação Inclusiva?
- g) E como tem se dado o planejamento das atividades escolares mensais, semestrais ou anuais?
- h) Com que frequência vocês se reúnem para o planejamento das atividades?
- i) Como observa os resultados? Positiva ou negativamente? Por quê?
- j) O que causa maiores preocupações com o trabalho na Educação Inclusiva em especial com as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)?
- k) O que você destaca como sendo um ato prazeroso nesta atividade pedagógica com alunos/as com TEA?
- l) Quais as condições que a escola lhe oferece para o desenvolvimento de sua prática pedagógica com crianças com TEA?

EIXO 02 – CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

- a) Diante deste contexto escolar da Educação Inclusiva vivenciado ao longo de sua experiência, qual tem sido a concepção de currículo que norteia sua prática?
- b) Quanto aos conteúdos, como vem ocorrendo essa organização?
- c) Como você considera a questão dos saberes experienciais dos/as alunos/as no momento de organizar esse conteúdo?
- d) Em algum dado momento de sua prática docente, você já organizou os conteúdos de outra forma? Como foi essa experiência?

EIXO 03 – PRÁTICA PEDAGÓGICA CURRICULAR NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

- a) Em sua prática pedagógica há dificuldades para a transmissão dos conteúdos planejados? Quais as principais dificuldades?
- b) Quais as metodologias utilizadas em sua prática pedagógica?
- c) Que referenciais teóricos você utiliza no trabalho pedagógico do TEA?
- d) Você integra os saberes dos/as alunos/as no momento de suas aulas?

- e) Em âmbito geral, os conteúdos, metodologias e formas de avaliação utilizados por você nas aulas têm garantido uma significativa aprendizagem aos alunos/as da Educação Inclusiva?
- f) Enquanto professora dessa modalidade de ensino, você acredita numa outra possibilidade de desenvolver sua prática pedagógica curricular? Como isso seria possível?

EIXO 04 – INTEGRAÇÃO DOS SABERES/FAZERES DOCENTES DA FORMAÇÃO E DA VIVÊNCIA NO MST

- a) Você acredita existir uma relação intrínseca entre os seus saberes/fazer docentes na Educação Inclusiva com a sua formação inicial?
- b) Até que ponto sua formação inicial tem ajudado no desenvolvimento de sua prática pedagógica?
- c) Haveria necessidade de uma formação continuada para ampliar qualitativamente o seu fazer docente na Educação Inclusiva? Como ocorreria esse processo?

EIXO 05 – DA RELAÇÃO CONSTRUÍDA COM AS CRIANÇAS COM TEA, ESCOLA E SUAS FAMÍLIAS

- a) Como se dá a convivência com as crianças e suas famílias?
- b) Quais os diálogos estabelecidos com as mães? Qual a frequência desses diálogos?
- c) Qual a rotina em sala de aula das crianças com TEA?
- d) Como você observa a relação da criança e suas mães?
- e) Que aspectos emocionais você menciona no comportamento das crianças com TEA e quais as implicações desses aspectos no desenvolvimento de sua prática pedagógica?
- f) Como é a relação da criança com TEA com a escola e atividades pedagógicas desenvolvidas?
- g) Na sua visão qual a importância do envolvimento da escola e da família para o bom desenvolvimento das atividades pedagógicas e emocional das crianças com TEA?

APÊNDICE B – ROTEIROS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

SUJEITO: MÃE

EIXOS TEMÁTICOS

EIXO 01 – DA VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA COTIDIANAS NO LIDAR COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA FAMÍLIA E EM OUTROS ESPAÇOS SOCIAIS

- a) Quais os maiores desafios no lidar com o Transtorno do Espectro Autista (TEA)?
- b) Ao longo de sua vivência que conhecimentos teórico-práticos você construiu a respeito deste transtorno?
- c) Você faz parte de alguma instituição ou organização não governamental (ONG) que apoie os pais que lidam com este transtorno? Se sim, como funciona e qual a estrutura desta instituição ou ONG? Quantas famílias a compõem?
- d) Que profissionais participam do funcionamento desta instituição/ONG?
- e) Qual a sua missão nesta instituição/ONG?
- f) Como é pensada a Educação Inclusiva nesta instituição ou ONG?
- g) Fale sobre aspectos importantes do seu trabalho junto às mães da instituição/ONG mencionada

- h) Quais as condições que a escola lhe oferece para o desenvolvimento de sua prática pedagógica com crianças com TEA?

EIXO 02 – DA EXPERIÊNCIA MATERNAL NO CUIDAR DE UMA CRIANÇA COM TEA

- a) Quais os maiores desafios em ser mãe de uma criança com TEA?
- b) Como está organizada a rotina de sua criança?
- c) Fale da convivência de sua criança na família e principalmente da relação que ela estabelece com os irmãos (se tiver):
- d) Como é a convivência de sua criança no espaço escolar?
- e) Como se dá o envolvimento e desenvolvimento de sua criança com as atividades escolares propostas pela professora?
- f) Além da escola quais outros espaços sociais a sua criança frequenta?
- g) Quais as brincadeiras que ela mais gosta?
- h) A escola que sua criança frequenta tem colaborado na inserção e integração desta nos outros espaços sociais?
- i) Qual a sua relação com as outras mães de crianças que possuem necessidades educacionais especiais?

EIXO 03 – DA RELAÇÃO CONSTRUÍDA ENTRE A CRIANÇA COM TEA, OUTRAS CRIANÇAS, SUAS FAMÍLIAS E ESCOLA

- a) Como se dá a convivência da sua criança com outras crianças e suas famílias?
- b) Fale da relação entre sua criança e a professora:
- c) Como você avalia a rotina de sua criança em sala de aula?
- d) Que aspectos emocionais você menciona no comportamento das crianças com TEA e como esses aspectos interferem ou colaboram nas relações interpessoais que estas crianças constroem?
- e) Na sua visão qual a importância do envolvimento da escola e da família para o bom desenvolvimento social e emocional das crianças com TEA?

8.AGRADECIMENTOS

A minha mãe Socorro que é e sempre foi meu maior incentivo na busca de um futuro promisso, e que tantas vezes deixou de lado seus desejos para que os meus fossem supridos, e que em nenhum momento me deixou desistir de nada em toda a minha vida.

A minha tão especial e única em minha vida, minha professora e orientadora, de estágios e TCC Divoene Pereira Cruz, que mesmo antes de me conhecer já foi o meu maior apoio para todo o meu percurso na UFERSA, e que tantas vezes falou que eu seria capaz.

As minhas duas grandes amigas que a graduação me deu de presente, Luana Lopes e Renata Joyce, que nos momentos mais importantes da minha vida estavam lá me dando a mão, me apoiando não me deixando fraquejar e me dando a certeza que estaremos sempre juntas.

A Niedja Mery, minha inspiração para o meu trabalho, uma menina que conheci na adolescência, e que se revelou a pessoa mais forte que já conheci, que luta por seus filhos que tantas vezes em meio a um turbilhão de problemas abriu espaço para me ajudar, me responder, buscou comigo fontes de pesquisa e que também serviu como a melhor fonte de conhecimento que eu pude adquirir. Também aos seus filhos e em especial a André que mesmo sendo um autista não verbal me ensinou muito sobre amor e ser amado.

A AMAAVA e a toda equipe da escola Caminho do Futuro, que contribuíram e me receberam nos momentos de construção de minha pesquisa.

Enfim a todos que de alguma forma contribuíram com minha formação em Pedagogia.